

2. Literatura de Moçambique

Como o início da literatura moçambicana pode ser considerado, como no caso angolano, o surgimento da imprensa (*Boletim Oficial*, 1857, *O Progresso*, 1877–1881, *Clamor Africano*, 1892 etc.). O mais importante é, no entanto, *O Brado Africano* (1918) dos irmãos **José e João Albasini**, de orientação para temas das populações locais, em que se reúnem os autores como **Rui de Noronha**, **Fonseca Amaral** ou **Virgílio Lemos**. **João Albasini** é também autor de uma obra fundacional na poesia moçambicana, *O Livro da Dor* (1925). Por outro lado, os primórdios da ficção devem-se a **João Dias** (*Godido e Outros Contos*, ed. da CEI de 1952). Nos inícios do século XX escreve também **Rui de Noronha** (*Sonetos*, 1946, postumamente).

Mais tarde surgem as revistas *Itinerário* (1941–1955) e, sobretudo, *Msaho* (1952), preocupada com a “moçambicanidade”, com número único, em cujas páginas foi publicado o que era essencial na poesia da época. Neste período, antes da independência, há pelo menos três poetas que devem ser salientados: **Noémia de Sousa** (*Sangue Negro*, caderno policopiado), **José Craveirinha**, o “poeta nacional”, com obra nos jornais, revistas e gavetas (*Xigubo*, 1964, *Karingana ua Karingana*, 1974, *Cela 1*, 1980, e *Maria*, 1988) e **Rui Knopfli** (*Mangas Verdes com Sal*, 1969). Na prosa destaca-se **Luís Bernardo Honwana** (*Nós Matámos o Cão Tinhoso*, 1964) e **Orlando Mendes**, o autor do primeiro romance moçambicano (*Portagem*, 1966).

Em 1971–1972 saem ainda os cadernos *Caliban* sob a direção de **António Quadros**, **Eugénio Lisboa** e **Rui Knopfli**, de carácter cosmopolita, não vinculado à luta pela libertação, onde são publicados autores portugueses ao lado de moçambicanos.

Após a independência, aparece a revista *Charrua* (1984), em que se revelam os novos autores como **Ungulani Ba Ka Khosa**, e *Gazeta de Artes e Letras* (da revista *Tempo*), dirigida por **Luís Carlos Patraquim**, um dos maiores nomes da poesia contemporânea (*Monção*, 1980). Entre os autores contemporâneos, mundialmente conhecidos e traduzidos, destacam-se **Mia Couto** e **Paulina Chiziane**.

RUI DE NORONHA

(1909–1943), o precursor da moderna poesia moçambicana. Conhecido pelos seus sonetos (*Sonetos*, 1943, edição póstuma).

SURGE ET AMBULA

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.
Dormes! E o mundo avança, o tempo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E no outro tu dormes o sono teu infindo...

A selva faz de ti sinistro eremitério,
onde sozinha, à noite, a fera anda rugindo.
A terra e a escuridão têm aqui o seu império
E tu, ao tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta. Já no alto adejam negros corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente, em carne de sonâmbula...

Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno...
Ouve a voz do Progresso, este outro Nazareno
Que a mão te estende e diz – “**África, surge et ambula**”.

(NORONHA, Ruy de, *Sonetos*, s/d [1943], In FERREIRA, Manuel.

No Reino de Caliban III. Lisboa: Plátano Editora, 1984, p. 37)

NOÉMIA DE SOUSA

(1926–2003), poetisa, cujo caderno *Sangue Negro* (1961?) pode ser considerado um dos mais acabados exemplos da poética negritudinista, a porta-voz dos marginalizados e menosprezados pela cor da pele. Com os seus poemas deu um impulso a outros poetas seus contemporâneos.

NEGRA

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para eles só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias ...
Teus encantos profundos de África.

Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedaste-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.

E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
Do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical,
a glória comovida de cantar, toda amassada,
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE

Lourenço Marques, 8 de novembro de 1951

(SOUSA, Noémia de, “Negra”, Mensagem, Luanda, nº 2/4, 1951, In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban III*. Lisboa: Plátano Editora, 1984, p. 90)

SANGUE NEGRO

Ó minha África misteriosa e natural,
minha virgem violentada,
minha Mãe!

Como eu andava há tanto desterrada,
de ti alheada,
distante e egocêntrica,
por estas ruas da cidade
engravidadas de estrangeiros!

Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
desta maneira, eternamente,
ignorando a carícia fraternamente
morna do teu luar
(meu princípio e meu fim)...

Como se não existisse para além
dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
dos teus horizontes estranhos, por desvendar...

Como se nos teus matos cacimbados
não cantassem em surdina a sua liberdade
as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

Como se teus filhos – régias estátuas sem par – ,
altivos, em bronze talhados,
endurecidos no lume infernal
do teu sol causticante, tropical,
como se teus filhos intemeratos, sofrendo, lutando,
à terra amarrados,
como escravos, trabalhando,
amando, cantando
– meus irmãos não fossem!

Ó minha Mãe África, “ngoma” pagã,
escrava sensual,
mística, sortilêga, – perdoa

À tua filha tresvairada
– abre-te e perdoa!
Que a força da sua seiva vence tudo!
E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar
dos teus tantãs de guerra chamando,
dundundundun-tã-tã-dundundun-tã-tã,
nada mais que a loucura elementar
dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...
– para que eu vibrasse,
– para que eu gritasse,
– para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!
E, vencida, reconhecesse os nossos elos...
E regressasse à minha origem milenar.
Mãe, minha mãe África
das canções escravas ao luar,
não posso, não posso repudiar
o sangue bárbaro que me legaste...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
ele é mais forte que tudo,
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!

(SOUSA, Noémia de, “Sangue Negro”, Mensagem, Luanda, nº 2/4, 1951,
In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban III*.
Lisboa: Plátano Editora, 1984, p. 91–92)

JOSÉ CRAVEIRINHA

(1922–2003), poeta, jornalista e ativista político, preso pela PIDE (o testemunho poético em *Cela 1*, 1980). Figura tutelar da poesia moçambicana, com poemas de inspiração neorrealista e negritudinista (*Xigubo*, 1964, *Karingana ua Karingana*, 1974), mas também intimista, confessional e amorosa (*Maria*, 1988). A sua obra na totalidade, que exprime uma busca incessante da moçambicanidade, pode ser percebida como uma “epopeia” da nação.

GRITO NEGRO

Eu sou carvão!
 E tu arrancas-me brutalmente do chão
 E fazes-me tua mina
 Patrão!

Eu sou carvão!
 E tu acendes-me, patrão
 Para te servir eternamente como força motriz
 mas eternamente não
 Patrão

Eu sou carvão!
 E tenho que arder, sim
 E queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão!
 Tenho que arder na exploração
 Arder até às cinzas da maldição
 Arder vivo como alcatrão, meu irmão
 Até não ser mais tua mina
 Patrão!

(CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 13)

HINO À MINHA TERRA

O sangue dos nomes
 é o sangue dos homens
 Suga-o também se és capaz
 tu que não os amas.

Amanhece
sobre as cidades do futuro.
E uma saudade cresce no nome das coisas
e digo Metengobalame e Macomia
e é Metengobalame a cálida palavra
que os negros inventaram
e não outra coisa Macomia.

E grito Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
E torno a gritar Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
E outros nomes da minha terra
afluem doces e altivos na memória filial
e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza.
Chulamáti! Manhoca! Chinhambanine!
Morrumbala, Namaponda e Namarroi
e o vento a agitar sensualmente as folhas dos canhoeiros
eu grito Angoche, Marrupa, Michafutene e Zóbuè
e apanho as sementes do cutlho e a raiz da txumbula
e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo.
Oh, as belas terras do meu áfrico País
e os belos animais astutos
ágeis e fortes dos matos do meu País
e os belos rios e os belos lagos e os belos peixes
e as belas aves dos céus do meu País
e todos os nomes que eu amo belos na língua ronga
macua, suaíli, changana,
xítsua e bitonga
dos negros de Camunguine, Zavala, Meponda, Chissibuca
Zongoene, Ribáuè e Mossuril.
– Quissimajulo! Quissimajulo! – Gritamos
nossas bocas autenticadas no hausto da terra.
– Aruângua! – Responde a voz dos ventos na cúpula das micaias.

E o luar de cabelos de marfim nas noites de Murrupula
e nas verdes campinas das terras de Sofala a nostalgia sinto
das cidades inconstituídas de Quissico
dos chindjinguiritanas no chilro tropical de Mapulanguene
das árvores de Namacurra, Muxilipo, Massinga
das inexistentes ruas largas de Pindangonga
e das casas de Chinhanguanine, Mugazine e Bala-Bala
nunca vistas nem jamais sonhadas ainda.

Oh! O côncavo seio azul-marinho da baía de Pemba
e as correntes dos rios Nhacuaze, Incomáti, Matola, Púnguè
e o potente espasmo das águas do Limpopo.
Ah! E um cacho das vinhas de espuma do Zambeze coalha ao sol
e os bagos amadurecem fartos um por um
amuletos bantos no esplendor da mais bela vindima.
E o balir pungente do chango e da impala
o meio olhar negro do xipene
o trote nervoso do egocero assustado
a fuga desvairada do inhacoso bravo no Funhalouro
o espírito de Mahazul nos poentes da Munhuana
o voar das sécuas na Gorongoza
o rugir do leão na Zambézia
o salto do leopardo em Manjacaze
a xidana-kata nas redes dos pescadores da Inhaca
a maresia no remanso idílico de Bilene Macia
o veneno da mamba no capim das terras do régulo Santaca
a música da timbila e do xipendana
o ácido sabor da nhantsuma doce
o sumo da mampsincha madura
o amarelo quente da mavúngua
o gosto da cuácua na boca
e o feitiço misterioso de Nengué-ua-Suna.

Meus nomes puros dos tempos
de livres troncos de chanfuta umbila e mucarala
livres estradas de água
livres pomos tumefactos de sémen
livres xingombelas de mulheres e crianças
e xigubos de homens completamente livres!

Grito Nhanzilo, Eráti, Macequece
e o eco das micaias responde: Amaramba, Murrupula,
e nos nomes virgens eu renovo o seu mosto em Muanacamba
e sem medo um negro queima as cinzas e as penas de corvos de agoiro
não corvos sim manguavavas
no esconjuro milenário do nosso invencível Xicuembo!

E o som da xipalapala exprime
os caninos amarelos das quizumbas ainda
mordendo agudas glandes intumescidas de África

antes da circuncisão ébria dos tambores incandescentes
da nossa maior Lua Nova.

(CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 21–23)

JACARANDÁS DE SAUDADE

Tempo
de seus passos vindo
pelo tapete de roxas flores
dos jacarandás enfileirados na rua.

Hoje
é eterno o ontem
da silueta de Maria
caminhando no asfalto da memória
em nebuloso pé ante pé do tempo.

...

Todo o tempo
colar de missangas ao pescoço
sempre o tempo todo
suruma minha suruma da saudade.

Suruma daquela saudade
das flores dos jacarandás
nos passos de Maria.

(CRAVEIRINHA, José. *Maria*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 20)

RUI KNOPFLI

(1932–1997), viveu em Moçambique até 1975, um dos nomes mais importantes da vida cultural moçambicana. Consciente do labor poético, nunca cedeu a imediatismos portadores de ideologias, mantendo a sua independência artística, autonomia e, decerto, exclusividade. Autor bipátrida, cuja obra, para além de outros temas, denuncia uma procura sempre aflita de raízes e identidade (a nível pessoal e literário). Hoje em dia recuperado pela voz de novas gerações de poetas. Dentro da sua obra destacam-se as coletâneas *O País dos Outros* (1959), *Mangas Verdes Com Sal* (1969), *Memória Consentida. 20 Anos de Poesia – 1959/1979* (1979), *O Monhé das Cobras* (1997).

NATURALIDADE

Europeu, me dizem.
Eivam-me de literatura e doutrina
europeias
e europeu me chamam.

Não sei se o que escrevo tem a raiz de algum
pensamento europeu.
É provável... Não. É certo,
mas africano sou.
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente
desta luz e deste quebranto.
Trago no sangue uma amplidão
de coordenadas geográficas e mar Índico.
Rosas não me dizem nada,
caso-me mais à agrura das micaias
e ao silêncio longo e roxo das tardes
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.
Mas dentro de mim há savanas de aridez
e planuras sem fim
com longos rios languens e sinuosos,
uma fita de fumo vertical,
um negro e uma viola estalando.

(KNOPFLI, Rui. *O país dos outros*, 1959, In *Obra Poética*.
Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 59)

AUTO-RETRATO

De português tenho a nostalgia lírica
de coisas passadistas, de uma infância
amortalhada entre loucos girassóis e folguedos,
a ardência árabe dos olhos, o pendor
para os extremos: da lágrima pronta
à incandescência súbita das palavras contundentes,
do riso claro à angústia mais amarga.

De português, a costela macabra, a alma
enquistada de fado, resistente a todas
as ablações de ordem cultural e o saber
que o tinto, melhor que o branco,
há-de atestar a taça na ortodoxia
de certas vitualhas de consistência e paladar telúrico.

De português, o olhinho malandro, concupiscente
e plurirracial, lesto na mirada ao seio
entrevisto, à nesga de perna, à fimbria de nádega,
a resposta certa e lépida a dardejar nos lábios,
o prazer saboroso e enternecido da má-língua.

De suíço tenho, herdados de meu bisavô,
um relógio de bolso antigo e um vago, estranho nome.

(KNOPFLI, Rui. *Mangas verdes com sal*, 1969, In *Obra Poética*.

Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 259)

DAWN

Agónica noite estremece
e despedaça-se
lá fora em chuva
nas vidraças.
Das sombras, das solidões
dos recantos recônditos
da noite e da chuva
saem homens.
Pela crosta da terra passa
um frémito de arrepio.
Chove.
Chove em África.

É noite
É noite em África.
Mão desmedida ergue-se
no breu,
corpo da terra que as águas
fecundam, impregnam.
Silêncios, hesitações,
sono de séculos, jugos,
racham em surdina.
Jogamos *bridge* na tepidez
do *living*,
reclinamo-nos na morna
penumbra erótica
dos cinemas,
ou dormimos em calma
digestão.
Para lá
da noite angustiada
monótono acalanto ergue
a voz.
No inescrutável, nas sombras,
nos recantos recônditos de agónica noite
África desperta...

(KNOPFLI, Rui. *O país dos outros*, 1959, In *Obra Poética*.
Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 88–89)

LUÍS BERNARDO HONWANA

(1942), nome literário de Luís Augusto Bernardo Manuel, ficcionista, ativista político. A sua obra, limitada a uma coletânea de contos (*Nós Matámos o Cão-Tinhoso*, 1964), é considerada como uma das mais marcantes da literatura moçambicana. Num estilo coloquial, mas invulgarmente denso e emotivo, desenvolvem-se as histórias que por um lado suportam uma mensagem ideológica, circunscrita ao contexto da resistência ao sistema colonial, por outro lado exprimem as constantes universais de arte e humanidade, de alcance simbólico (o tema da aprendizagem dum jovem que passa pelo erótico, pela violência e pela aquisição de consciência, o tema da marginalidade e solidariedade etc.).

NÓS MATÁMOS O CÃO TINHOSO

O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis...

O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis que não tinham brilho nenhum, mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, que lhe escorriam pelo focinho. Metiam medo aqueles olhos, assim tão grandes, a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer.

Eu via todos os dias o Cão-Tinhoso a andar pela sombra do muro em volta do pátio da Escola, a ir para o canto das camas de poeira das galinhas do Senhor Professor. As galinhas nem fugiam, porque ele não se metia com elas, sempre a andar devagar, à procura de uma cama de poeira que não estivesse ocupada.

O Cão-Tinhoso passava o tempo todo a dormir, mas às vezes andava, e então eu gostava de o ver. Com os ossos todos à mostra no corpo magro. Eu nunca via o Cão-Tinhoso a correr e nem sei mesmo se ele era capaz disso, porque andava todo a tremer, mesmo sem haver frio, fazendo balanço com a cabeça, como os bois e dando uns passos tão malucos que parecia uma carroça velha.

Houve um dia que ele ficou o tempo todo no portão da Escola a ver os outros cães a brincar no capim do outro lado da estrada, a correr, a correr, e a cheirar debaixo do rabo uns aos outros. Nesse dia o Cão-Tinhoso tremia mais do que nunca, mas foi a única vez que o vi com a cabeça levantada, o rabo direito e longe das pernas e as orelhas espetadas de curiosidade.

Os outros cães às vezes deixavam de brincar e ficavam a olhar para o Cão-Tinhoso. Depois zangavam-se e punham-se a ladrar, mas como ele não dissesse nada e só ficasse para ali a olhar, viravam-lhe as costas e voltavam a cheirar debaixo do rabo uns aos outros e a correr.

Duma dessas vezes, o Cão-Tinhoso começou a chiar com a boca fechada e avançou para os outros quase que a correr, mas com a cabeça muito direita e as orelhas mais

espetadas do que nunca. Quando os outros se viraram para ver o que ele queria, teve medo e parou no meio da estrada.

Os outros cães ficaram um bocado a pensar no que haviam de fazer por ele estar a olhar para eles daquela maneira. É que o Cão-Tinhoso queria ir meter-se com eles.

Depois o cão do Senhor Sousa, o Bobí, disse qualquer coisa aos outros e avançou devagar até onde estava o Cão-Tinhoso. O Cão-Tinhoso fingiu não ver e nem se mexeu quando o Bobí lhe foi cheirar o rabo: olhava sempre em frente. O Bobí, depois de ficar uma data de tempo a andar em volta do Cão-Tinhoso, foi a correr e disse qualquer coisa aos outros - o Leão, o Lobo, o Mike, o Simbi, a Mimosa e o Lulu - e puseram-se todos a ladrar muito zangados para o Cão-Tinhoso. O Cão-Tinhoso não respondia, sempre muito direito, mas eles zangaram-se e avançaram para ele a ladrar cada vez mais de alto. Foi então que ele recuou com medo, e voltando-lhes as costas, veio para a Escola, com o rabo todo enfiado.

Quando passou por mim ouvi-o a chiar com a boca fechada e vi-lhe os olhos azuis, cheios de lágrimas e tão grandes a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer. Mas ele nem olhou para mim e foi pela sombra do pátio da Escola, sempre com a cabeça a fazer balanço como os bois e a andar como uma carroça velha, para o canto das camas de poeira das galinhas do Senhor Professor.

Os outros cães ainda ficaram um bocado a ladrar para o portão da Escola, todos zangados, mas voltaram para o capim do outro lado da estrada para continuar a correr, a rebolar, a fingir que se mordiam uns aos outros, a correr, a correr e a cheirar debaixo do rabo uns dos outros.

De vez em quando o Bobí olhava para o portão da Escola e, lembrando-se do Cão-Tinhoso, punha-se a ladrar outra vez. Os outros, ao ouvi-lo, deixavam de brincar e punham-se também a ladrar, muito zangados, para o portão da Escola.

(...)

O Cão-Tinhoso tinha a pele velha, cheia de pelos brancos, cicatrizes e muitas feridas, e em muitos sítios não tinha pêlos nenhuns, nem brancos nem pretos e a pele era preta e cheia de rugas como a pele de um gala-gala. Ninguém gostava de lhe passar a mão pelas costas como aos outros cães.

A Isaura era a única que gostava do Cão-Tinhoso e passava o tempo todo com ele, a dar-lhe o lanche dela para ele comer e a fazer-lhe festinhas, mas a Isaura era maluqui-nha, todos sabiam disso.

A Senhora Professora já tinha dito que ela não regulava lá muito bem e que o pai a havia de tirar da Escola pelo Natal.

A Isaura não brincava com as outras meninas e era a mais velha da segunda classe. A Senhora Professora zangava-se por ela não saber nada e dar erros na cópia, e dizia-lhe que só não lhe dava reguadas porque sabia que ela não tinha tudo lá dentro da cabeça. Quando ia para o estrado ler a lição não se ouvia nada e a gente dizia -. «Não se ouve

nada, não se ouve nada» –, e a Senhora Professora dizia que os meninos da quarta classe não tinham nada que ouvir. Então os meninos da segunda classe começavam a dizer: «Não se ouve nada, não se ouve nada». A Senhora Professora zangava-se e fazia uma bronca dos diabos. Por isso, no intervalo, as outras meninas faziam uma roda com a Isaura no meio e punham-se a dançar e a cantar: «Isaura-Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Tinhoso, Isaura-Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Tinhoso». A Isaura parecia que não ouvia e ficava com aquela cara de parva, a olhar para todos os lados à procura de não sei que, como dizia a Senhora Professora.

(HONWANA, Luís Bernardo. “Nós matámos o cão tinhoso”

In *Nós Matámos o Cão Tinhoso*. Porto: Afrontamento, 1972, p. 9–11, 12–13)

AS MÃOS DOS PRETOS

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser porque é que eles têm as palmas das mãos assim mais claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

“Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!”

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes se ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandíssima pêta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei aonde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas.

Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gredadas, as mãos dum preto são sempre mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa!

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. No dia em que falámos nisso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de se rir. O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e mesmo assim a chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais ou menos isto:

“Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver ... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens ... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.

(HONWANA, Luís Bernardo. “As mãos dos pretos”

In *Nós Matámos o Cão Tinhoso*. Porto: Afrontamento, 1972, p. 111-114)

MIA COUTO

(1955), nome literário de António Emílio Leite Couto, ficcionista e biólogo, uma voz original e inovadora não só na literatura moçambicana. A sua escrita caracteriza-se por uma subversão do português, criando (“brincando”) uma linguagem nova, exposta ao cruzamento de culturas, ao mesmo tempo coloquial (fala popular) e artística (no sentido de uma criação artificial). O universo das suas narrativas, rural, de sabor ancestral e com recurso ao mágico, próprio da tradição oral, denuncia a tragédia moçambicana expressa na guerra civil, bem como a conflituosidade entre o tradicional e o moderno. Destacam-se os romances *Terra Sonâmbula* (1993), *O Último Voo do Flamingo* (2000), *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (2002), *A Confissão da Leoa* (2012) e as coletâneas de contos (*Vozes Anoitecidas*, 1986, *Cada Homem É Uma Raça*, 1990, *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos*, 2001, *O Fio das Missangas*, 2003 etc.)

O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento. O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas.

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada.

“*Deve ser foi um relâmpago*”, pensou.

Mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde saía o raio? Ou foi a terra que relampejou?

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destapa quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança o seu voo incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e aí deita a sua urina.

Uma vez foi preciso chamar as ciências do velho feiticeiro para escavar aquele ninho e retirar os ácidos depósitos. Talvez o Mabata-bata pisara uma réstia maligna do ndlati.

Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se.

Reparou em volta: os outros bois, assustados, espalharam-se pelo mato. O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor.

– *Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.*

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontravam saída. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro:

– *Este, da maneira que vive misturado com a criação há-de casar com uma vaca.*

E todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados. Por isso, olhou sem pena para o campo que ia deixar. Calculou o dentro do seu saco: uma figa, frutos do djambalau, um canivete enferrujado. Tão pouco não pode deixar saudade. Partiu na direcção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a começar o seu caminho. Quando chegou ao rio, atravessou a fronteira da água. Na outra margem parou à espera nem sabia de quê.

(COUTO, Mia. “O dia em explodiu Mabata-bata” In *Vozes Anoitecidas*.

Lisboa: Caminho, 1987, p. 47–49)

NA BERMA DE NENHUMA ESTRADA

Estou aqui no sopé da estrada, à espera que alguém me leve. Um qualquer, tanto faz. Basta que passe e me leve. É meu sonho antigo: sair deste despovoado, alcançar o longe. Até já cansei este sonho. Meu tio sempre me avisou: não durma perto da estrada que as poeiras irão sujar seus sonhos. E aconteceu. Mas eu, nem se acredita, eu sempre gostei de poeira porque me traz ilusão dos caminhos que não conheço.

Assim, vou santificando os dias, sempre iguais, no mesmo-que-mesmo. Me ajeito de belezas emprestadas, peço roupas às vizinhas, pinto-me com sobras de maquilhagens que apanho na loja do Tio Josseldo. Me exhibo na margem, os camiões vão passando, uns e todos. Nenhum pára para mim. A vila de Passo-Longe é tão longe que nem saudade aqui chega. Ao fim do dia, me olho no espelho da cantina e nem me reconheço. Porque dentro de mim há qualquer coisa de falecida, a secreta desistência de mim – nunca ninguém me vai carregar.

Aquele é o único espelho da nossa vila. O Tio até cobra quem nele se espreita. É por tempo, nunca mais de cinco minutos, não vá desbotar o brilho do espelho. De regresso à loja do Tio Josseldo, eu fico olhando a tabuleta - a Boutique Pinta-Bocas - e agradeço aquela dádiva de existir um parente que me seja familiar. Ali durmo, bem enroscada, que é para a noite nem me notar. Embrulhada, à moda de quarto minguante.

Dia seguinte, volto a pintar os lábios enquanto meu tio vai repetindo sua ladainha:

– *Pode pintar os dois, de cima e de baixo.*

– *Obrigada, tio.*

– *Agora, fala a verdade: não é que ninguém lhe queira levar. Você é que sempre inventa razão para ficar. Confessa lá, sobrinha.*

– *Não é verdade, tio. Eu só quero ir daqui.*

– *Você há-de ficar na soleira da estrada.*

Há, sim, motoristas que páram. Pensam que sou prostituta. Confundem o intento de minhas vestes. Mas não é meu corpo que ofereço. O que entrego é minha vida. Só mostro minhas redonduras por vaidade, convidaçã das carnes. Minha vaidade é estar viva. Os outros são outros, juntos é que somos gente. Só eu padeço de mim, envelhecida de esperar, mais baça que o espelho da loja.

Não quero alegria de morcego que sai para o mundo quando já tudo anoiteceu. Quero sair quando ainda tenho mocidades para viver, peito encostado na alma. Tenho inveja da chuva: tomba e logo muda de nome. Termina a chuvinha e começa a água, acaba o corpo e começa a substância.

Veja-se: brincar é a primeira festa que a vida nos oferece. Depois, vem o sonho, segundo festejo. Agora, o que eu quero: a vida me ofereça uma festa para mim. Porque, antes, eu não tive criancice nem sonho. Meu pai saiu cedo, minha mãe, em seguida, perdeu o prumo do juízo. De meus pais só tenho lembrança de uma tarde que se repete como se fosse o tempo inteiro. Ainda estado e havido, meu pai não me dera nenhum nome. Minha mãe reclamava:

– *Mas como lhe hei-de chamar?*

– *Há-de-se ver, mulher. Há-de-se ver.*

Respondia como sempre falava: há-de-se ver. Não fazia nenhuma ideia.

– *Lhe vá chamando só assim: menina.*

Meu pai foi-se, escoado na estrada. Nesta mesma estrada onde eu me alinho, mais minhas monotonidades. Foi nas minas, não voltou. Minha mãe ficou tão pasmada no regresso dele, que ela nunca saiu daqueles aguardos. Os vizinhos até inventaram um fingimento: fazia-se de conta que chegavam lembranças, encomendas que eles mesmos improvisavam.

– *Seu marido lhe trouxe isto, Dona Constança.*

Tudo de mentira. Minha mãe se comovia até às lágrimas. Homem bom, nunca esquecido dos deveres. Tão bom que nem existia, concluíam em silêncio os vizinhos. Como eu queria não saber daquela mentira, acreditar como minha mãe acreditava.

Por isso eu, agora, quero tanto ter saudade de alguém. No entanto, não tenho ninguém em quem deitar amor. Podia gostar do Tio Josseldo que me tem tomado conta. Mas não quero. Amor é como dever de religião – a gente não tem folga. Eu quero é distração para o meu peito. Alívio de canseira. Quero uma estrada para meu coração . De ida sem volta. Só para o além.

(COUTO, Mia. “Na berma de nenhuma estrada”.

In: *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos*.

Lisboa: Caminho, 2001, p. 117–119)

O CAÇADOR DE AUSÊNCIAS

O miúdo falou que Florinha fugira de casa, numa noite dessas. Diz-se que ela se entranhara na floresta, deambulando sem destino. Ainda lhe seguiram o rasto até à curva do rio. Depois, subitamente, nenhuma pegada, nenhum vestígio, nenhuma gota. Mal soube da fuga, Vasco ordenou que todos espalhassem vigília e desgrenhassem capins e arvoredos. Enlouquecido passou o mato a pente fino. Pobre homem: abanava a árvore para cair fruto, mas quem tombou foi serpente. A solidão se enroscou, definitiva, no seu viver. E o homem se azedou a pontos de se raivar contra tudo e todos. Quem sabe tinha sido boa fortuna eu ter falhado encontrar-me com esse Vasco? Com certeza, ele me receberia a tiro de espingarda ...

Assim, com saco vazio e alma magra eu me fiz ao mato, ensaiando um arrastoso regresso. Trazia comigo o meu nenhum dinheiro, bolso enchido de sopro. Um céu triste me enevoava. Pela primeira vez, chamava lembranças e a Florinha não comparecia. Estranhei, com suspeição. Porque ela se tinha retirado da sua ausência?

Meu sobressalto tinha razão. Porque, sem saber, um contrabandoleiro me tinha seguido desde a cidade. O malandro sabia, por certo, que eu ia colectar um montante. Tomando-me por um zé-alguém, o bandido me emboscou. Saltou de um penhasco, sombra encostando-se-me no corpo. Foi espetando nariz no meu hálito enquanto encostava o cano da espingarda no meu pé. Olhei para baixo, em respeito do medo.

De repente, o valor das minhas partes inferiores se desenhou, superior, ante o meu juízo. Cada pé sustenta mais que uma perna, meio corpo, meia vida. Um pé suporta o passado, outro dá apoio ao futuro. Aquele pé que o matulão me ameaçava, eu sabia, aquele pé dava sustento ao meu futuro.

– *Esse, não. Lhe peça, dispare no outro pé.*

A mão do mautrapilho procurou encosto no meu ombro. Era gozo de tocar-me? Ou seria o gosto de me ver liquedesfazer em tremuras? Eu já fazia descontos na minha vivência, mais vazado que o saco que tremia em meu regaço. Corajoso é o que esquece de fugir? Pois, imóvel fiquei até que se escutou o formidável rugido, clamor de cavernosos dentes. Cruz em peito, credo na boca! O que seria um tal escarcéu? E eis que um

leopardo se subitou entre os ramos das árvores. E soou o disparo, tangenciando o instante. Tombei no meio de gritaria. Que se passara? O bandido, tomado de susto, disparou em seu próprio corpo. Tudo se passou em fracção de um «oh» e, no rebuliço, ainda acreditei ver um dedo maiúsculo voando, avulsamente pelo ar. Mas eu já me desencadeara dali, correndo tanto que os quilómetros se juntaram às léguas. Em pulos e tropeços, a distância me foi escudando.

Mas, contudo e porém. Mordido por ter cão, mordendo por não o ter. E eu me salvava de balázio para me perder na escura selva. Salvei-me da boca, metia-me no dente? Olhei em volta e o verde me enleava, pegajoso. Dormi com o relento, lençolei-me com o infinito da estrela. Pensava que era noite de passagem. Mas rodopiei mais noites às voltas, zarantolo. Assisti às quatro estações da lua. Comi raiz, masquei folha, trinquiei casca, cuspi-me a mim. Beberiquei orvalhos, na cafeteira da madrugada.

Já eu tinha perdido contas às manhãs quando ao despertar me rasgou um susto. Focinhando em meu rosto estava o leopardo. Minha alma caiu de joelhos, me entreguei a meu próprio fim. O felino achegou-se e estacou a rasar-me o corpo. Olhei seus olhos e estremei até às lágrimas: ali estavam, serenos e espantosos, os olhos de quem eu nunca me curara de ter amado.

Florinha!

E mesmo debaixo de tontura entreguei meu rosto, meu pescoço ao afago. Tanto que não senti nem dente, nem sangue. Os outros dizem que foi milagre o bicho não consumir em mim sua matadora vocação. Só eu guardo meus secretos motivos.

(COUTO, Mia. „O caçador de ausências.“ *O Fio das Missangas*.
Lisboa: Caminho, 2004, p. 120–122)

PAULINA CHIZIANE

(1955), ficcionista, considerada a primeira romancista moçambicana. Sensível em especial à problemática da mulher na sociedade moçambicana. Os seus romances (p. ex. *Balada de Amor ao Vento*, 1990, *Niketche, uma História de Poligamia*, 2002) inspiram-se na arte de contar estórias, recuperando a tradição oral, a sua linguagem e universo mágico. Põe em destaque o choque entre o mundo tradicional e o moderno.

NIKETCHE

A minha sogra andou esvoaçando entre casas e caminhos. Visita as novas noras, os netos, e distribui rebuçados e chocolates. Conquista-os. Visita os irmãos, filhos, famílias. Busca aliados e consensos. Fala de boca em boca. Busca votos de confiança. Faz a campanha a favor da família alargada, as noras devem ser loboladas. Não é de mim que eu falo, dizia ela. Fala em nome das crianças que crescem marginalizadas, sem conhecer as suas origens. Fala em nome daquelas mulheres pescadas no deserto da vida, produzindo almas que engrandecem esta família, mas que vivem à margem da sombra que lhes pertence. São chamadas de mães solteiras, confundidas com as divorciadas e as adúlteras, por viverem longe da sombra do seu homem. Grita não à monogamia, esse sistema desumano que marginaliza uma parte das mulheres, privilegiando outras, que dá tecto, amor e pertença a umas crianças, rejeitando outras, que pululam pelas ruas. Grita não contra o novo costume de ter uma esposa à luz e várias concubinas, com filhos escondidos. Os meus netos marginalizados pela lei clamam por reconhecimento. O sangue da grande família deve ser reunido na sombra da grande árvore dos antepassados. O meu filho é belo, dizia ela. As mulheres não resistem aos seus encantos. O meu filho tem sangue forte, em cada contacto produz um filho. O meu filho é um rizoma. É bambu. Estende-se pelos campos, alastra-se, multiplica-se. O meu filho tem destino de rei, de patriarca. O pai dele só teve poucos filhos, três apenas, mas Deus deu-nos o Tony para vingar a fertilidade da família estendendo o nosso grande nome pelos quatro cantos do mundo. Vai ter com o irmão padre e confronta-o. Por causa das vossas doutrinas as nossas famílias africanas não passam de montanhas isoladas boiando nas nuvens. Tu, padre, és filho da poligamia, filho da terceira mulher. Como podes tu condenar a poligamia que te trouxe ao mundo? Afasta as tuas más influências do meu filho. Deixa-o em paz com as suas esposas e filhos, nós africanos somos felizes assim. Todas aquelas mulheres devem ser loboladas.

A minha sogra fez de si uma flecha. Insurgiu-se contra os bons costumes da família cristã e tornou-se agente de regresso às raízes. Não encontrou nenhuma resistência.

O ciclo de lobolos começou com a Ju. Foi com dinheiro e não com gado. Lobolou-se a mãe, com muito dinheiro, num lobolo-casamento. As crianças foram legalmente reco-

nhecidas, mas não tinham sido apresentadas aos espíritos da família. Era preciso trazê-las do tecto da mãe para a sombra do patriarcal num acto de lobolo-perfilha, uma forma de legitimá-las uma vez que nasceram fora das regras de jogo de uma família polígama. Depois fez-se lobolo da Lu e dos filhos. As nortenas espantaram-se. Essa história de lobolo era nova para elas. Queriam dizer não por ser contra os seus costumes culturais. Mas envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiro para elas, e para os filhos. Dinheiro que faz falta para comer, para viver, para investir. Quando se trata de benesses, qualquer cultura serve. Elas esqueceram o matriarcado e disseram sim à tradição patriarcal. Passámos três meses a andar de festa em festa. Era importante que todos os lobolos fossem feitos numa rajada, antes que o Tony mudasse de ideias. Nos lobolos todos introduzimos uma inovação: a certidão de lobolo, com todas as cláusulas contratuais, menos aquela parte que fala de assistentes conjugais em caso de incapacidade do marido. Ficaria um bocado imoral, não acham? Toda em papel almaço, com timbre e tudo, dactilografada, assinada por todos os membros presentes nas cerimónias. Com tantas assinaturas, aquilo ultrapassava uma certidão, parecia mais uma petição. Estamos na era da escrita, não estamos?

Fiquei de coração deprimido. O meu marido estava completamente retalhado. Retalhados todos os meus bens, a nossa segurança social, a nossa reforma, o nosso conforto que estava a ser jogado na terra como um punhado de sal numa panela de água. Eu partilho o pão e o vinho em comunhão. Partilho o marido por cinco, partilhamos um amante, a Lu e eu. Ah, amor profundo. Tu me retalhas o coração e me destroças em cada sopro. Vida, tu me obrigas a receber migalhas de amor que só a mim pertence. Fazes-me morrer devagarinho, célula a célula, e me sangras gota a gota. Adeus, meu marido total, meu amor de intimidade. Ah, vida! Fazes-me aceitar esta mordalha só para ter o Tony por perto. Se eu digo não a toda esta confusão, o meu amor se espanta.

Tivemos a nossa primeira reunião formal, o parlamento conjugal, inaugurado pela minha sogra e pelas tias já velhotas, para nos darem lições e tudo o que quiséssemos saber sobre o amor polígamo.

– O meu Tony, ao lobolar cinco mulheres, subiu ao cimo do monte – diz a minha sogra. – Ele é a estrela que brilha no alto e como tal deve ser tratado. E tu, Rami, és a primeira. És o pilar desta família. Todas estas mulheres giram à tua volta e te devem obediência. Ordena-as. Castiga-as se for preciso. Tu é que deténs o trono e o ceptro. Exerça o teu poder sobre elas, submeta-as ao teu comando. Tu és a rainha desta casa.

Sinto-me promovida na hierarquia da tirania. Dão-me um chicote a que chamam ceptro, para açoitar todas as infelizes que cruzarem a minha estrada. Mas não vou açoitar ninguém. Vou guardar este bastão num baú e atirá-lo bem para o fundo do mar.

– Para começar, vocês devem elaborar uma escala conjugal. O marido deve ficar uma semana por cada uma, numa escala rotativa. Quem menstruar na semana de escala deve notificar-se imediatamente. Não podem conspurcar o corpo do Tony com as impu-

rezas das vossas menstruações. Isso pode-lhe provocar aquelas doenças que fazem os testículos ganhar o tamanho das abóboras.

Aquelas velhas damas têm rouxinóis nas gargantas e chilreiam as vozes mórbidas das cativas. Aquelas bocas desdentadas foram sugadas pelas pancadas. Os lábios nunca conheceram beijos, só lamentos.

– Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifes, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe.

Não nos rimos daquilo, mas apetece-nos. Guardamos silêncio perante a ladainha com que sempre adormeceram as mulheres ao longo dos tempos ..

– Vocês, as mulheres modernas, têm o mau hábito de alimentar os homens de qualquer maneira. Guardam a comida na geleira por dias e dias. Um homem deve ser alimentado com comida fresca. É preciso acender uma fogueira em cada dia. Não dêem batatas cozidas no dia anterior, porque incham os testículos dos homens, principalmente dos rapazes em crescimento. Não comam nunca a cabeça de peixe, nem de vaca, nem de cabrito, que é comida de homem. A cabeça do animal representa a cabeça da família. A cabeça da família é o homem.

– Na ausência do pai, toma o comando da família o filho varão mais velho, mesmo que seja um bebé, é um líder, é o chefe da família por substituição.

– Façam uma escala conjugal. Uma semana em cada casa é quanto basta para conviver. Dormir e despertar no mesmo lugar é saudável. O homem não deve percorrer o perímetro da cidade em cada dia, porque é desgastante, pode morrer cedo. Tem muitas vantagens: em casos de aflição, todas saberão o lugar certo onde o poderão procurar.

Essas vozes são sal na brisa, roendo lentamente como salitre. Elas só sabem aquilo que a dor ensina. Não conhecem outro mundo senão a própria noite. E colocam a noite aos nossos olhos como único saber ao seu alcance.

Ah, Tony. Já não estou sozinha no teu encaço. Agora somos cinco. Quero ver se nos escapas com a tua esperteza de rato.

(CHIZIANE, Paulina. *Niketche. Uma História de Poligamia*.

Lisboa: Caminho, 2002, p. 123–127)

UNGULANI BA-KA-KHOSA

(1957), nome tsonga de Francisco Esaú Cossa, ficcionista, com um trabalho notável no domínio da ficção histórica (*Ualalapi*, 1987), de grande originalidade, em que a História (o registo documental, historiográfico) dialoga com a tradição oral, fornecendo ao mesmo tempo um suporte para a fantasia ficcional. As suas narrativas breves exploram também as vicissitudes do espaço urbano (*Orgia dos Loucos*, 1990).

MORTE INESPERADA

- O que é que se passa?
- Morreu um homem.
- Em que andar?

– No décimo, mamã –, e os dois moços desapareceram. E depois vieram outros, e a gritaria aumentou. A velha tentou lançar-se às escadas. O corpo não a ajudou. Em vez de se preocupar de novo com o andar sinistrado teve o cuidado de perguntar pelo nome do filho, com a nítida preocupação de não querer ouvir o nome do filho. Ao chegar ao quinto andar, após inúmeras perguntas, informaram-na, longe de saberem que se tratava da mãe. Nada mais fez que sentar-se e esvaír as lágrimas que saltavam dos olhos encovados e cansados com tal intensidade que em poucos segundos atingiram os seios flácidos, e continuaram a descer, em jorros contínuos, pelo vestido, ensopando-o e colando-o ao corpo. Minutos depois, levada pelo pressentimento infundado de que a morte tocara outra porta, subiu as escadas, recordando-se, no entanto, como todas as mães abaladas pelo infortúnio de um filho perdido em plena força da idade, do dia em que largara a enxada e percorrera, com as mãos e joelhos assentes na terra, o atalho que levava a casa, sentindo o filho bulindo no ventre. As mulheres acorreram no seu encaço e levaram-na à cabana principal. Foi o princípio duma semana de dores intensas ante o espanto e o medo das velhas que a largaram no fim do primeiro dia, cientes de que o demónio que carregava não mais viria, pois de tantas cenas macabras a que já puderam assistir nunca presenciaram cena igual, em que uma mulher de tanto gritar passara a uivar como os cães que pela noite adentro vão lançando maus presságios nas casas trancadas. O curandeiro, chamado a propósito, confessara, após três dias e três noites de trabalho intenso, ser incapaz de esconjurar os maus espíritos que dela se tinham apossado. E os uivos preencheram os dias e as noites até que Simbine, no sétimo dia, assomou por entre as coxas da mãe que desmaiou no momento em que acabara de lançar um uivo tão lancinante que as pessoas que cercavam a casa enterraram as mãos e os rostos na areia branca, enquanto outras, mais distantes, atiraram-se às mangueiras que cobriam o átrio.

Terás uma morte maldita, filho, disse-lhe, anos depois, o filho já adolescente, quando este recusava ir à escola, invocando razões já invocadas pelo avô, quando em redor do

fogo que lançava chispas intermitentes a noite polvilhada de estrelas, afirmara que os pretos viveram séculos sem o quinino e o livro, e que a sua vitalidade ia de gerações em gerações, e sua História corria na memória fértil dos velhos que habitaram estas terras antes dos homens da cor do cabrito esfolado entrarem com o barulho das suas armas, a sua língua e os seus livros.

– O tempo é outro, meu filho.

– As raízes ainda assentam na terra mãe. Não me ensinaste há tempos que o elefante não esquece, o lugar de repouso?

– Tens razão. Mas afirmei também que o que não acaba é um milagre. Deves ir à escola, filho.

– Não vou, mãe. E não te esqueças que uma galinha de poupa dá outras galinhas de poupa.

– O tambor deve estar esticado, filho.

– Não te preocupes, mãe.

E preferia correr por entre os arbustos do verde sem fim, nas manhãs e tardes, como uma gazela, livre, saltando os ramos e troncos aspersos pelo chão húmido e seco, e penetrar no capim alto e verde, aspirando a limpidez do ar e ouvindo as sonatas não pautadas dos pássaros multicolores que gorjeavam, ao findar da tarde com o sol vermelho queimando as copas verdes das árvores altas e baixas que se alongavam por terras sem fim; ou derrubava, com fúria animal, as mulheres que vinham do rio, limpas, com os seios como maçalas verdes coladas à pequena blusa molhada que não chegava ao umbigo, retirando rapidamente a capulana que punha a descoberto o corpo nu donde exalava o odor extasiante do púbis. Depois, os ramos que se quebravam e os estertores que se despegavam dos corpos misturavam-se aos trinados que enchiam o espaço incomensurável, numa harmonia inaudita. Combalidos, com os corpos ainda estirados no capim, sentiam a noite entrar, com outros compassos e outras músicas mais profundas, como que vindas das entranhas da terra. Era a hora das almas acordarem e deambularem pelas casas, atirando as suas vozes malélicas e benéficas. O meu mundo, mãe, é esta terra selvagem, dizia. É a minha escola.

(BA KA KHOSA, Ungulani. “Morte Inesperada”,

In SAÚTE, Nelson, *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*.

Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 426–429)